



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS - DLI
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS**

INGRID AQUINO ARAÚJO

**MARCAS DE ORALIDADE EM TEXTOS DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA
DE ESCOLA PÚBLICA E ESCOLA PARTICULAR**

Itabaiana
2018

INGRID AQUINO ARAÚJO

**MARCAS DE ORALIDADE EM TEXTOS DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA
DA ESCOLA PARTICULAR E ESCOLA PÚBLICA**

TCC apresentado ao Colegiado do Curso de Letras Português, do Departamento de Letras – DLI, do Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras Vernáculas.

Orientador: Prof. Doutor Derli Machado De Oliveira.

Itabaiana
2018

TERMO DE APROVAÇÃO

INGRID AQUINO ARAÚJO

MARCAS DE ORALIDADE EM TEXTOS DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA DA ESCOLA PARTICULAR E ESCOLA PÚBLICA

TCC apresentado ao Colegiado do Curso de Letras Português, do Departamento de Letras – DLI, do Campus Universitário Prof. Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras Vernáculas.

Orientador: Prof. Doutor Derli Machado De Oliveira.

Aprovado em: 16 de ABRIL de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Derli Machado De Oliveira
Universidade Federal de Sergipe

Prof. Me. Daisy Mara Moreira De Oliveira
Universidade Federal de Sergipe

Itabaiana
2018

Dedico este trabalho a Deus, por sempre ter me dado forças para alcançar meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores que contribuíram com seus conhecimentos para que eu chegasse até aqui.

Professor e orientador Dr. Derli Machado De Oliveira, pela ajuda e dedicação a tudo que se compromete a fazer.

Aos meus familiares, pelo apoio que sempre me deram. Em especial, a minha querida mãe, Gervânia Aquino, que tanto me deu forças nessa jornada universitária.

RESUMO

O presente estudo teve como foco mostrar a influência da oralidade na escrita, analisando alguns fenômenos fonológicos presentes nos textos dos alunos do 6º Ano do ensino público e do ensino particular. O interesse por essa temática nasceu na observação da ocorrência de marcas orais em textos escritos por alunos, embora serem alunos de 6º Ano, que já estão em um nível de escolaridade que permitiria apresentar um certo domínio da língua escrita. Tomamos como corpus de análise textos de alunos do 6º de uma Escola Pública e uma Escola Particular da cidade de Itabaiana/SE, produzidos em sala de aula a partir das atividades elaboradas pelos professores, após a leitura de uma narrativa. No material coletado, observamos a influência que a oralidade exerce sobre a escrita dos alunos no contexto escolar que provem através da falta de domínio dos elementos linguísticos necessários para escrita. Com esse trabalho, pretendemos contribuir para a reavaliação, por parte dos educadores, das metodologias utilizadas em sala através dos fatores que determinam esses desvios linguísticos por parte dos alunos, eliminando os preconceitos que, muitas vezes, permeiam as práticas docentes. como referencial teórico, as contribuições dos seguintes autores: Marcuschi (2010), Bagno (2017), Bortoni-Ricardo (2004), entre outros.

Palavras-chave: Marcas de oralidade, fala e escrita.

“Entre palavras circulamos, vivemos, morremos, e palavras somos, finalmente, mas com que significado?” (Carlos Drummond de Andrade)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	04
2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	07
2.1 A HETEROGENEIDADE DAS LÍNGUAS.....	08
2.2 O PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR.....	10
2.3 A SOCIOLINGUÍSTICA NA SALA DE AULA.....	12
3. METODOLOGIA.....	14
4. ANÁLISES.....	16
4.1 DIAGNÓSTICO INICIAL.....	16
4.1.1 PROCESSOS FONOLÓGICOS POR ACRÉSCIMO.....	17
4.1.2 PROCESSOS FONOLÓGICOS POR SUPRESSÃO.....	18
4.1.3 PROCESSOS FONOLÓGICOS POR TRANSFORMAÇÃO.....	18
4.2 APAGAMENTO DO H.....	20
4.3 DESVIO DE ORTOGRAFIA.....	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
6. REFERÊNCIAS.....	24
7. ANEXOS.....	26

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa correlaciona-se como a influência das marcas de oralidade permeia a modalidade escrita. Para tal análise, trabalhou-se com textos elaborados por alunos do Ensino Fundamental da escola pública e particular no município de Itabaiana, Sergipe. As produções narrativas selecionadas encontram-se em duas turmas do sexto ano: uma, do período matutino (colégio particular) e a outra, vespertino (colégio público).

Para o estudo do objeto em questão, faz-se necessário observar as marcas de oralidade em textos de alunos da educação básica do ensino público e particular. A diretriz de tal fundamento temático acentuou-se a partir da percepção que os alunos do sexto ano do Ensino Básico Fundamental chegam, com uma certa dificuldade na escrita.

Segundo Bortoni-Ricardo (2005), a escola é norteadada para ensinar a língua da cultura dominante e tudo que se afasta dela pode ser evidenciado como errado e, portanto, eliminado. Por conseguinte, o núcleo educativo não deve ignorar as diferenças sociolinguísticas, pois as atividades de textos escritos configuram-se como elo importante para os docentes. Sendo assim, é imprescindível que os alunos aprendam a utilizar a linguagem padrão, transcrevendo a fala informal em formal e assim, adequando-se o seu “falar”.

De acordo com as orientações dos PCNs (1999), através de uma proposta de tema transversal para a pluralidade cultural, revelada também na diversidade linguística, o aluno precisa ser capacitado a identificar palavras em desuso. Desta forma, tal percepção ajudaria a ampliar seu vocabulário, como também compreender as substituições escritas feitas por hábitos orais, que os levam a adaptar a oralidade na grafia.

Objetiva-se neste trabalho mostrar as dificuldades e a problemática existente em sala de aula quanto à linguagem oral e a produção textual escrita. Para a realização desta pesquisa, propôs-se aos alunos que produzissem um texto dissertativo. Analisando os textos escritos pelos alunos, percebe-se que certas palavras apareceram escritas da forma como se fala. Tais marcas caracterizam esse

público, que são adolescentes entre 10 e 15 anos de idade, dos sexos masculino e feminino. Não foi exigida a norma padrão de escrita da Língua Portuguesa, a norma culta é inerente aos alunos. A maioria dos estudantes utilizou a norma padrão da escrita, no entanto podem-se perceber algumas marcas da linguagem oral.

Bortoni-Ricardo (2004) afirma que umas das grandes dificuldades em sala de aula é que o professor confunde erro de ortografia com erro de português, por isso, em muitos casos, o docente e as escolas condenam e reprovam-no, embora os conceitos diferem. A instituição escolar, em geral, exige que o aluno tenha uma escrita de acordo com as normas ortográficas, mas oferece poucas oportunidades acerca das regras de uso da ortografia. Sendo assim, é mister buscar alternativas para seu ensino construtivo.

Para tal, organizaremos o trabalho da seguinte maneira: inicialmente, faremos um esboço teórico dos estudos e dos conceitos relacionados à oralidade e à escrita, baseando-nos em Marcuschi (2010), Bagno (2017), Bortoni-Ricardo (2004), entre outros, visto que esses estudiosos questionam e pesquisam, entre diversos temas, a oralidade; na sequência, trataremos do papel da sociolinguística em sala de aula, e, por fim, a consumação do trabalho com análises dos textos escritos pelos alunos onde serão analisados os processos fonológicos que ocorrem na pesquisa.

Sabe-se que a fala antecede a escrita, assim, inserida na comunidade, a criança comunica-se, compreende, faz-se compreender e interage com as pessoas do seu meio. Ao chegar à escola, é natural que haja uma transposição da oralidade para os textos escritos. Nessa ação, deve-se saber “lidar”, sem discriminar, os diferentes modos de falar do aluno, respeitando a língua falada.

Cabe à escola e ao professor de língua materna analisar a influência da oralidade nos textos dos seus alunos. Desta forma, realizar uma reflexão sobre as diferenças apresentadas entre fala e escrita, orientando-os a empregarem a língua, adequadamente, aos diversos contextos de uso.

Na escrita, urge, portanto, o uso do padrão ortográfico. Assim, o domínio da língua oral e da língua escrita oportuniza a participação efetiva na sociedade. Deve-se deixar claro, para o aluno, que a língua é social, a escrita e a oralidade apresentam

características específicas e que ambas fazem parte de um mesmo sistema linguístico.

“As relações entre oralidade e escrita se dão num contínuo ou gradação perpassada pelos gêneros textuais, e não na observação dicotômica de características polares.” Dionísio (2005, p.18). A escola não precisa ensinar o aluno a falar, pois isso ele aprende antes mesmo de adentrar no meio educacional. É necessário que o âmbito escolar liberte-se do mito da existência de apenas uma forma “certa” de falar: a parecida com a escrita (PCN, 1998). Nesse ínterim, deve-se proporcionar ao aluno a reflexão sobre as distinções entre a língua escrita e a língua falada, as sobreposições em que se dão e, acima de tudo; o valor, a importância de cada uma no momento adequado.

2. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

“A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora.”
Marcuschi (2010, p. 25)

Apesar de ser uma prática interativa, a oralidade, por um longo período, ficou à margem da escrita e sua importância foi negada até nas aulas de Língua Portuguesa. Entretanto, a modalidade não foi esquecida por estudiosos e críticos da área, pois, os mesmos defendiam que a modalidade oral deveria ter os mesmos privilégios, em sala de aula, que a escrita. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) afirmam que a modalidade oral também deve ser trabalhada nas propostas oficiais do ensino da Língua Portuguesa. De acordo com PCNs, (2000, p. 49):

Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é. Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite a escolha, a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas... É preciso, portanto, ensinar-lhe a utilizar adequadamente a linguagem em instâncias públicas, a fazer uso da língua oral de forma cada vez mais competente.

Segundo Marcuschi, (2010, p.36):

A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa. A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia.

No trecho citado, Marcuschi diz que a importância da oralidade está propriamente na sua posição como prática social. As pessoas, através da oralidade (não somente dela), colocam-se em grupo se, a partir dessa forma, convivem racionalmente.

Segundo Marcuschi, pode-se começar a “caracterizar” a língua oral. Ele define da seguinte forma: “o homem como um ser que fala e não como um ser que escreve.” (MARCUSCHI, 2010, p. 36). Ou seja, de acordo com a história, a fala veio primeiro

que a escrita. Ela já existe há mais de um milhão de anos. A escrita é muito recente, concretizada, no máximo, cinco ou seis mil anos.

A fala é uma das formas de representação da língua. A modalidade oral possui um conjunto de elementos simbólicos com características distintas em relação à escrita, tais como a presença do interlocutor, ou seja, face a face. Sendo assim, as dúvidas podem ser esclarecidas durante essa interação, que pode sofrer alterações durante a exposição e expressões não verbais, como gestos, expressões faciais e a entonação da voz, as quais completam o sentido da mensagem transmitida.

Quando se fala no processo de escrita, logo se pensa em leitura. Por isso, vale destacar o seguinte trecho de Ribeiro (2006, p.41):

Como a escrita está intimamente associada à leitura, são processos simultâneos e interdependentes, ou seja, a leitura interage na escrita e a escrita interage na leitura, o aluno descobrirá que escrever significa operar escolhas linguísticas de modo a expressar seu pensamento com organização, clareza e adequação, na modalidade da língua.

Compreende-se que a palavra é fugaz quando pronunciada, já a escrita, eterna. Sendo assim, a escrita tornou-se um método de armazenar informações. Partindo dessa ideia, entende-se que a fala, a leitura e a escrita são três modalidades diferentes, com características próprias, mas estão ligadas concomitantemente.

A escrita tornou-se um bem social indispensável no cotidiano do ser humano, seja no meio urbano ou rural. A modalidade escrita da língua edificou-se como fruto do aprendizado fora de casa, ou seja, na escola, pois apresenta um contexto mais formal e é este um dos motivos para que seja considerada, pela sociedade, um bem cultural de prestígio.

2.1 A HETEROGENEIDADE DAS LÍNGUAS

Todas as línguas possuem uma ação inerente, isso significa dizer que são heterogêneas. Nelas, encontra-se diversas “formas”, as quais correspondem ao nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, o domínio pragmático discursivo e ao subsistema fonético-fonológico.

De acordo com, Mollica (2015, p.09-10), para o conceito de variações:

A sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sócias. Tais fatores são também referidos como variáveis independentes, no sentido que os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias configuram-se por isso sistemáticas e estaticamente previsíveis.

Vale ressaltar que não existe a forma mais correta de se falar, diante de tantas variantes linguísticas, mas, sim, a maneira mais adequada de se expressar de acordo com o contexto e o interlocutor. Por conseguinte, adequa-se o modo de falar para cada ambiente e, desta forma, surge a compreensão que as pessoas não escrevem da mesma forma que falam.

Afirma Bagno, (2017, p.45-46):

Os sociolinguísticos enfatizam sempre que não existe falante de estilo único: todo e qualquer indivíduo varia a sua maneira de falar, monitora mais ou menos o seu comportamento verbal, in dependentemente de seu grau de instrução, classe social, faixa etária etc. Trata-se de um comportamento que é adquirido muito rapidamente no convívio social, como é fácil verificar observando a variação dos modos de falar das crianças quando se dirigem a outras crianças da mesma idade, as crianças maiores, a adultos familiares, a adultos desconhecidos etc. O monitoramento da fala, sobretudo quando se trata de exibir respeito e consideração pelos outros, faz parte do aprendizado das normas sociais que prevalecem em cada cultura, normas que são apreendidas por observação e imitação, mas também ensinadas explicitamente às crianças pelos pais e outros adultos.

Na perspectiva “não se escreve da mesma forma que se fala, ou vice-versa”, constata-se que, na oralidade, usam-se recursos como gestos, expressões faciais e a entoação da voz. Já na escrita, tais recursos não são aceitos pela norma padrão. Sendo assim, é necessário refletir sobre o que se está escrevendo e reescrever se for preciso, mas para que haja um monitoramento por parte da escrita é necessário um grau de letramento. Sobre esse assunto, Bagno (2017, p.46) diz:

No caso do monitoramento da escrita, ele vai depender, é claro, do grau de letramento do indivíduo, isto é, o grau de sua inserção na cultura da leitura e da escrita. Um a pessoa que foi alfabetizada, mas não ultrapassou os primeiros anos da escola formal nem criou o hábito de ler e escrever com frequência, certamente não vai dispor dos mesmos recursos de monitoramento estilístico de alguém que cursou a universidade, tem bom desempenho no domínio da escrita, conhece as convenções dos diferentes gêneros textuais, maneja um vocabulário mais amplo e diversificado etc. O grau de letramento elevado também favorece, é claro, a produção de textos *falados* mais monitorados, em que a pessoa tenta reproduzir na oralidade

mais formal traços característicos dos gêneros textuais escritos mais monitorados.

A variação linguística não ocorre apenas no modo de falar das diferentes comunidades, ela também aparece no comportamento linguístico de cada falante da língua. As pessoas alteram o modo de falar de acordo com a situação de interação em que se encontram. Logo, cada tipo de situação vai exigir do falante um certo controle e atenção do seu comportamento verbal.

2.2 O PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR

De acordo com os PCNs (1998), o aluno deve ser capaz de compreender os textos orais e escritos em diferentes situações, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz.

Com base nessa perspectiva, a escola precisa possibilitar ao aluno, não só uma reflexão sobre a língua, como também a utilização adequada dos padrões da fala e da escrita de acordo com as exigências do texto a ser produzido. O professor necessita atentar-se para o fato de que o aluno já chega dominando a língua falada. Portanto, é provável que a sua fala influencie na sua escrita, sobretudo, no período inicial da alfabetização. Vejamos o que diz Castilho (1998, p.13) a respeito do ensino oral:

Não se acredita mais que a função da escola deva concentrar-se apenas no ensino da língua escrita e pretexto de que o aluno já aprendeu a língua falada em casa. Ora, se essa disciplina se concentrasse mais na reflexão da língua que falamos, deixando de lado a reprodução de esquemas classificatórios, logo se descobriria a importância da língua falada, mesmo para aquisição da língua escrita.

Perceber diferentes falares, possibilitar ao aluno a reflexão sobre a língua e saber utilizar os padrões adequados da fala e da escrita, de acordo com as exigências, devem ser objetivos do professor de língua materna, o qual necessita estar comprometido com a aprendizagem dos seus alunos. Trabalhar com diferentes formas de falar dos discentes continua sendo um dos grandes desafios enfrentados pelo professor de Língua Portuguesa e um dos vários obstáculos dos alunos quanto ao

domínio da escrita, pois muitas crianças – ou adolescentes - confundem variação linguística com “falar errado”.

Nos últimos anos, tem-se estudado muito sobre variações linguísticas. Tal preocupação originou-se pelo fato da modalidade oral contribuir de forma eficaz no desenvolvimento das capacidades dos alunos e, por esse motivo, merece uma atenção especial. Brasil (2000, p.32):

Cabe à escola ensinar o aluno a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais (...). Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois seria descabido “treinar” o uso mais formal da fala. A aprendizagem de procedimentos eficazes tanto de fala como de escuta, em contextos mais formais, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la.

O estudo da modalidade oral deve aparecer de forma associada ao estudo da modalidade escrita e não de maneira separada, como geralmente ocorre. Um complementa o outro. Se utilizados de uma forma mais articulada, eles podem contribuir para o desenvolvimento educacional, permitindo que o aluno amplie suas possibilidades de uso da língua.

Não se pode deixar de observar que o problema não está apenas na inclusão de atividades voltadas para o ensino do gênero oral, mas, sim, em conseguir demonstrar que a inclusão é fundamental para o desenvolvimento das capacidades do aluno.

Através dessa perspectiva, para que ocorra, em sala de aula, a devida introdução desse tipo de atividade, há primeiro que se desconstruir esta visão de que o gênero escrito é extremamente valorizado e/ou mais importante que o gênero oral. Assim, demonstrando que a relação entre eles é bastante estreita e o estudo das formas em conjunto tem muito mais a contribuir na formação do aluno. Marcuschi (2001, p.17) fala:

Oralidade e escrita são práticas e usos da língua como características próprias, mas não suficiente opostas para caracterizar dois sistemas linguísticos nem uma dicotomia. Ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variação estilísticas, sócias, dialetais e assim por diante.

É imprescindível conscientizar as pessoas a perceberem que a escola não é mais um local onde apenas se ensina a escrever e ler, mas, sim, instituição que se ensina a fazer uso da fala nas suas mais diversas possibilidades e situações, mostrando ao aluno que há um determinado modo de usá-la para cada situação ao se comunicar.

2.3 A SOCIOLINGUÍSTICA NA SALA DE AULA

A sociolinguística é uma área de grande importância para a educação. Através dela é possível realizar um trabalho com o intuito de diminuir o preconceito linguístico, muitas vezes, encontrado na sociedade e assim, contribuir para a aprendizagem sobre as variedades linguísticas. Desta forma, proporcionar um melhor rendimento dos alunos e o seu aprimoramento intelectual.

A situação histórico-política do Brasil vem desde o período da colonização do país. Nessa visão, as cidades do litoral possuíram mais contato com os portugueses e obtiveram mais acesso à língua culta, implicando uma diversidade linguística até os dias atuais, por isso, a língua das capitais litorâneas é considerada de mais prestígio com relação as interioranas.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p.34):

Estamos vendo, então, que são fatores históricos, políticos e econômicos que conferem prestígio a certos dialetos ou variedades regionais e, conseqüentemente, alimentam rejeição e preconceito em relação a outros.

Essa problemática continua desde muitos anos e, ao chegar na sala de aula, cabe ao professor procurar maneiras de dissolver essa concepção que os dialetos e/ou falares de algumas comunidades são melhores que outros e/ou que só existe uma maneira tida como correta para se expressar, conscientizando os alunos que dentro das comunidades existem várias possibilidade de escolha para se dizer uma mesma coisa e com o mesmo valor de verdade em diferentes situações.

O educador deve explicar para seus alunos que não existe apenas um único jeito certo e outro errado de falar, o que existe é a maneira conveniente para utilização da linguagem para cada ocasião durante as comunicações sociais vivenciadas e que vão de acordo com os papéis sociais desenvolvidos por cada cidadão.

Os professores necessitam ter conhecimento a respeito das distinções defendidas pela sociolinguística para que possam desenvolver atividades mais interativas de conscientização. Uma das atividades que é proposta pelos PCN's (1998, p. 82-83)

levantamento das marcas de variação linguística ligadas a gênero, gerações, grupos profissionais, classe social e área de conhecimento, por meio da comparação de textos que tratem de um mesmo assunto para públicos com características diferentes [...].

A postura do professor diante das variações sociolinguísticas é de grande valor, tendo em vista que ele é o instrumentador da temática e que pode motivar o aluno. Um professor que leva em consideração que o aluno traz de casa uma bagagem linguística, entende que existe uma variável distinta da linguagem padrão e que pode ser utilizada na comunidade, dependendo da situação. No entanto, um professor que seja extremamente tradicional e rígido na sua conduta em sala de aula e só admita, como adequada, a norma padrão, pode gerar um certo medo e insegurança por parte do aluno. Vejamos o que diz Bortoni-Ricardo (2004, p.25):

Na sala de aula, como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua, mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, está submetido a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não-verbal. O que estamos querendo dizer é que, em todos os domínios sócias, há regras que determinam as ações que ali são realizadas. Essas regras podem estar documentadas e registradas, como nos casos de um tribunal do júri ou de um culto religioso ou podem ser apenas parte da tradição cultural não documentada. Em um ou outro caso, porém, sempre haverá variação de linguagem nos domínios do que em outros. Por exemplo, no domínio do lar ou das atividades de lazer, observamos mais variação linguística do que na escola ou na igreja. Mas em todos eles há variação, porque a variação é inerente à própria comunidade linguística.

As diferenças de variações na escola começam através do papel social, cada um (professores, diretores e etc) desempenha suas funções com uma linguagem mais adequada e monitorada sempre relacionando com a linguagem dos alunos.

3. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de caráter bibliográfico. Inicialmente fez-se necessária a escolha do objeto a ser analisado com a reflexão sobre que ponto poderia ser relevante para a educação, mais especificamente para o ensino de língua portuguesa: algo que necessita ser discutido e que seria significativo para os professores. A pesquisa bibliográfica implicou na seleção de muitas leituras, análises de corpus para a pesquisa e vários textos sobre o assunto do presente trabalho.

Para elaboração dessa pesquisa, foram analisados um total de 35 textos escritos por alunos do ensino público, 6º Ano B, e do ensino particular, 6º Ano A, localizados na cidade de Itabaiana, Sergipe.

A atividade proposta para ambos os colégios foi uma narrativa. No ensino público contemplou a leitura da narrativa “O Homem do Saco”. Para que o eixo de trabalho, em sala de aula, com os fundamentos da pesquisa sociolinguística, tivesse resultados satisfatórios, foi necessário que os alunos produzissem uma modalidade narrativa, pertencente ao gênero fábula. No ensino particular, a atividade proposta pelo professor foi a leitura do texto narrativo “O Lixo”, seguido da elaboração de continuidade da narrativa.

Sabe-se que são muitos os fatores que influenciam no modo como a linguagem deve ser ajustada às circunstâncias do ato da comunicação e da escrita. Mas, o que se verifica é que essa influência é mais perceptível na relação entre falante/escritor, pois é, comum em textos, sobretudo, de alunos em fase de adequação com a oralidade e a escrita, a redução de palavras e/ou expressões, que fogem gradativamente da forma normativa da língua, isto é, da regra do “bem falar” e do “bem escrever”, ocorrendo para as mais diversas variações da língua.

A presença de marcas orais nos textos dos alunos iniciou o estudo sobre as distinções entre fala e escrita. Ainda foram propostas atividades sobre os fenômenos fonológicos observados no texto, os quais são objeto de análise desse trabalho.

A atividade de pesquisa de campo e seus resultados contribuíram para uma reflexão concreta sobre como os fenômenos próprios da língua instauram-se em situações reais de uso. Portanto, os alunos, a par dessa metodologia, poderiam comprovar, por meio de dados quantitativos, como o português brasileiro é tratado por seus usuários e como são distintas as formas de uso dessa língua em termos de variação.

4. ANÁLISE DAS MARCAS ORAIS NOS TEXTOS ESCRITOS PELOS ALUNOS

Esta pesquisa parte de um pressuposto em que tanto a escrita como a fala podem deixar suas marcas uma na outra, mesmo sendo duas modalidades distintas. A oralidade, por ser mais constante e manuseada no dia a dia, persuade mais a escrita.

Como foi dito na introdução deste trabalho, os textos analisados são de alunos do 6º ano do Ensino fundamental da escola pública e particular, ambos localizados em Itabaiana, região agreste de Sergipe. No momento em que foi solicitado que fizessem o texto, no colégio público, muitos reclamaram, argumentaram. Todavia, quando foi dito que valeria nota, logo todos os presentes trataram de fazer. No colégio particular, não houve contestação com relação a atividade proposta pelo professor.

A análise aconteceu de forma quantitativa, foram corrigidos 16 textos do ensino público e 19 textos do ensino particular produzidos por esses alunos, embora só tenham sido permitidos para anexo, pelo professor, alguns dos textos. Para análise, selecionou-se alguns problemas que são comuns na fase de aquisição da escrita, e que, portanto, não deveriam ocorrer em textos de alunos do 6º Ano, visto que já poderiam apresentar um certo domínio da escrita.

4.1 DIAGNÓSTICO INICIAL

Ao considerar que o objeto de análise desse trabalho seja a interferência da oralidade na escrita, foi necessário escolher um tipo textual que pudesse ser produzido por todos os alunos. Como já fora citado, realizou-se a escolha do texto narrativo, para o qual eles demonstraram afinidade e se sentiam à vontade para escrever. No colégio particular, a maioria dos alunos não compreendeu a proposta de texto e não produziu o seu de acordo com o que foi pedido pelo professor. No Colégio público, a maioria dos alunos entendeu a proposta pedida pela professora e produziram seus textos de acordo com o que foi solicitado.

De acordo com Marcuschi (2008), o texto não é um simples encadeamento de frases, mas existem certos requisitos que devem estar presentes, pois a coesão é composta por uma conexão referencial, relacionada a aspectos semânticos, e uma conexão sequencial, realizada por elementos conectivos.

Diversos textos, com as frases sequenciadas sem a devida relação entre si, foram encontrados e isso prejudicou a coesão. Em outros, determinados conectivos foram utilizados repetidamente. Todos os textos demonstraram que os alunos estão em aprendizagem da escrita e se apoiam, constantemente, em recursos que já conhecem e utilizam frequentemente na oralidade.

Dentre as hipóteses, a mais aplicada e a mais perceptível pelos alunos, no corpus do trabalho, é a transposição da fala para a escrita, como se a escrita fosse a fiel representação da fala. Sabe-se que há muitas palavras em que a grafia diverge da pronúncia e esses foram os desvios mais encontrados nos textos.

Ademais, ocorreram também desvios que são característicos da variedade linguística utilizados pelos alunos, aos quais também serão ressaltados em nossa análise. Empreende-se, a seguir, uma análise desses processos fonológicos, a partir de trechos do corpus.

4.1.1 PROCESSOS FONOLÓGICOS POR ACRÉSCIMO

Nos processos fonológicos por adição, podem ocorrer os acréscimos de consoantes, de vogais e de glides.

EPÊNTESE

Adição de segmento medial, criando formas epentéticas

Ensino público	Ensino Particular
<i>Maj̃s > mas</i> Acréscimo do fonema “l “	<i>Maj̃s > mas</i> Acréscimo do fonema “l “

Houve uma formação de ditongos com adição de glides, essa adição acontece devido a presença da consoante chiante no final da palavra.

4.1.2 PROCESSOS FONOLÓGICOS DE SUPRESSÃO

A supressão é um processo fonológico que consiste no apagamento de um segmento que pode ser uma consoante, uma vogal ou glide e ainda, de uma sílaba inteira.

SÍNCOPE

Apagamento de um segmento medial na palavra.

Ensino Público	Ensino Particular
Brigano > Brigando <i>Apagamento da consoante “D”</i> Etava > Estava <i>Apagamento da consoante “S”</i>	Poq > porque <i>Apagamento dos ditongos “UE”</i> <i>Apagamento da consoante “R”</i> Deliça > Delícia <i>Apagamento da vogal “I” (monotongação)</i>

A supressão de um fonema provoca uma “monotongação”. Esse fenômeno ocorre na passagem de um ditongo para uma vogal simples, como no caso da palavra “**deliça**”.

4.1.3 PROCESSOS FONOLÓGICOS POR TRANSFORMAÇÃO

Nesse tipo de processo, enquadra-se toda alteração que um fone ou fonema venha a sofrer. Essa mudança ocorre por influência de outros fonemas que lhe estão próximos.

VOCALIZAÇÃO

Vocalização é a substituição de uma consoante por um seguimento vocálico (vogal)

Escola Pública	Escola Particular
Lua de me <u>u</u> > Lua de mel	<i>Não encontramos</i>
<i>Troca da consoante “L” pela vogal “U”</i>	

Na maioria das variedades da língua portuguesa ocorre o processo de vocalização da consoante lateral /l/ em uma posição pós vocálica, passando a ser pronunciada como semivogal /u/ na posição correspondente ao **L** ortográfico.

DESNASALIZAÇÃO

Um som vocálico nasal perde a sua nasalidade:

Escola Pública	Escola Particular
<i>Não encontramos</i>	Conhec <u>e</u> ro > Conheceram Contar <u>o</u> > Contaram Tiver <u>o</u> > Tiveram

JUNTURA VOCABULAR

Esse fenômeno fonológico se aplica em formas justapostas com o intuito de agregar formas adjacentes. Pode ocorrer externamente, ou seja, entre palavras, ou internamente quando ocorre no interior de uma palavra.

Escola Pública	Escola Particular
Comtanta > com tanta Avistou > a vistou	Agente > a gente Mastarde > mais tarde

Segundo Cagliari (2008, p. 142), “Na fala não existe a separação de palavras, a não ser quando marcada pela entonação do falante”. Essas ocorrências refletem os critérios que o falante usa para analisar a fala. A produção da fala tem como

característica um fluxo sonoro continuado, sem quebra em cada uma das palavras. Assim sendo, existe uma tendência inicial de começar a escrever as palavras ligadas umas às outras, ocasionando problemas quanto ao critério de segmentá-las em unidades distintas.

4.2 APAGAMENTO DO H NA ESCRITA DOS ALUNOS

O apagamento do h em início de palavras também ocorreu no corpus deste trabalho, atestando as dificuldades dos estudantes ao transferirem para a escrita as letras que não são pronunciadas, deixando mais visível e evidente as marcas de oralidade em seus textos escritos. É importante salientar que a utilização do **h** em início de palavras causa algumas confusões, já que é uma letra que aparece em alguns vocábulos e que, justificada por razões etimológicas, não há uma regra indicando o uso dessa letra inicial. Apesar de não constituir um processo fonológico, já que em nossa língua ela não possui realização fonética em nenhum dos contextos fonológicos, o seu apagamento na escrita merece atenção. Na língua portuguesa, há diversos casos em que, no início das palavras, é mantido o **h** existente desde sua palavra de origem no latim.

Escola pública	Escola particular
Oje > hoje	Não <i>encontramos</i>

4.3 DESVIO DE ORTOGRÁFIA X ERRO DE PORTUGUÊS

Uma maneira interessante de romper com esse círculo vicioso sobre o preconceito linguístico é reavaliar a noção de *erro*. Todo falante nativo de uma determinada língua é plenamente competente dessa língua e capaz de discernir a gramaticalidade de um enunciado, mesmo esse enunciado obedeça ou não às regras de funcionamento da língua.

Vejamos o que fala Bagno (1999, p.124) a este respeito:

Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou ao respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização: erra-se ao tocar piano, erra-se ao dar um coando ao computador, erra-se ao falar/escrever uma língua estrangeira. A língua *materna* não é um saber desse tipo: ela é *adquirida* pela criança desde o útero, é absorvida junto com o leite *materno*. Por isso qualquer criança entre os 3 e 4 anos de idade (se não menos) já domina plenamente a gramática de sua língua.

Assim, pode-se dizer que existam “erros de português”, mas que não são cometidos por nenhum falante nativo de língua. Existe, no nível da língua escrita, a confusão entre *português* e *ortografia oficial* ou *norma padrão* da língua portuguesa. No nível da língua falada, os termos que se confundem, ou que são tomados como equivalentes, são: *português*, *gramática normativa* e *variedade padrão*.

Segundo Bagno (1999, p.131):

Ora, saber ortografia não tem nada a ver com saber a língua. São dois tipos diferentes de conhecimentos. A ortografia não faz parte da *gramática* da língua, isto é, das regras de funcionamento da língua. (...) muitas pessoas nascem, crescem, vivem e morrem sem jamais aprender a ler e a escrever, sendo, no entanto, conhecedores perfeitos da *gramática* de língua.

Vejam alguns desvios de ortografia encontrados nos textos dos alunos:

Escola Pública	Escola Particular
<i>Des liga</i> > desliga	<i>Intão</i> > então
<i>Imveja</i> > inveja	<i>Preucope</i> > preocupe
<i>Entam</i> > então	<i>Sirvasse</i> > sirva-se
<i>Quidada</i> > cuidada	<i>Ora</i> > hora
<i>Di</i> > de	
<i>Mi</i> > me	
<i>Facer</i> > fazer	

Observe que, na maioria dos desvios ortográficos, ocorre a troca de letras. Apesar de não se configurar como um processo fonológico, mas, sim, desvios de

ortografia, optou-se por incluí-las na análise pela notável influência da oralidade nesses registros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, nessa pesquisa, analisar as relações entre escrita e fala, com maior relevância e importância à influência da oralidade em textos escritos por alunos do 6º ano de uma escola pública e uma escola particular, localizadas no município de Itabaiana, Sergipe. Essa relação tem implicações de diversas ordens, pois fala e escrita constituem como duas formas de prática da língua e interferem uma na outra incessantemente e existem diversos traços que podem aparecer no texto escrito, tanto na organização textual, quanto na apresentação e/ou vice-versa.

Diante das produções textuais de ambas as escolas, confirmou-se a presença de características típicas da modalidade oral da língua nos textos escritos pelos alunos. Porém, essas marcas não interferiram no produto final, que seria a mensagem ao leitor.

Para cada situação comunicativa, tem-se objetos diversificados, tanto em relação a escrita quanto em relação a fala. Como afirma Marcuschi (2010, p. 9):

São os usos que fundam a língua e não o contrário, defende-se a tese de que falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação.

A língua, em suas duas modalidades, é muito dinâmica e sempre está em constante transformação, sendo modificada e/ou se modificando por meio de seus usufruidores. Por conseguinte, vão se apropriando dela e se inserindo em um processo de construção e reconstrução contínua.

Baseando-se nas categorias listadas por Bortoni-Ricardo (2005), pode-se constatar, nos textos analisados, várias ocorrências de marcas da oralidade presentes na produção escrita pelos alunos, tanto da escola pública tal como da escola particular. Constatou-se que a modalidade escrita se diferencia da modalidade oral

por diversos aspectos, pode-se até afirmar que são línguas dissemelhantes, pois não é possível transpor as normas da fala para escrita nem as da escrita para as da fala. Ainda assim, é comum que haja tal transposição da oralidade no processo da escrita, principalmente, quando o aluno não tem familiaridade com esta modalidade, ocorrendo incorreções de várias ordens em seus textos.

Percebeu-se várias interferências da oralidade. Acredita-se que algumas marcas já deveriam estar dominadas pelos alunos, como no caso das diversas representações do fonema /s/. É bastante comum, por exemplo, o aluno escrever o som da maneira que ouve, ou trocar consoantes que tenham o mesmo ponto de articulação. Na perspectiva de amenizar esse problema, o educador pode ir ajustando os aspectos linguísticos que são de acordo com as características de um texto escrito, ao invés de degradar. Uma maneira de proceder, em relação a isso, é realizar várias atividades com a reescrita do texto, coletiva ou individual, para que o aluno possa progredir nesse aspecto.

Segundo os especialistas da área, como Marcuschi (2003), Cagliari (2004), dentre outros, o professor deve explicar a seus alunos as especificidades da língua falada e da língua escrita. Em função disso, primeiramente, é necessário que o educador tenha consciência da sua função como mediador e, através do domínio de sistema da língua, mais particularmente, as especificidades da fala e da escrita, o professor, então, poderá certificar-se do desenvolvimento da escrita de seus alunos.

Por fim, pode-se emitir que esta pesquisa poderá contribuir, de modo considerado, com os professores, já que provoca uma reflexão, mesmo que de forma tão sucinta, sobre a ocorrência da interferência da oralidade na escrita e suas formas de exposição.

6. REFERÊNCIAS

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Pedagogia: educação e língua materna**. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1999.
- _____. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.
- PERINI, M. A. **Os dois mundos da expressão linguística**. In: _____. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. **A língua do Brasil e outros mistérios**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&E, 2001.
- _____. & DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita**. In: _____. (org.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 13-30.
- BRASIL. PCN. **Língua Portuguesa (5ª a 8ª séries)**. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- RIBEIRO, Ormezinda Maria. **Janelas na construção da leitura**. Uberaba: Vitória, 2006.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.
- BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua portuguesa**. Brasília: secretária de educação fundamental, 2000.
- MARCUSCHI, Luís Antônio. **Da fala para a escrita: atividade de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- SIMÕES, Darcília. **Considerações sobre fala e a escrita: fonologia em nova chave**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro ciclo. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. In. ABAURRE, M. B. (Org.) **Gramática do português culto falado no Brasil**: a construção fonológica da palavra. Contexto, São Paulo, 2013.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2008.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edição Loyola, 1999.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu**. São Paulo: Scipione, 2004.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Da fala para a escrita – Atividades de retextualização**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: Outra escola é possível**. São Paulo: Parábola, 2009.

COSTA, Nelson Barbosa da. **As letras e a letra: O gênero canção na mídia literária**. In: DIONÍSIO, Angela. MACHADO, Anna Rachel. BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. 2º ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ANEXOS

ANEXO 1

D S T Q Q S S

___/___/___

Marcio

A Fábula

És uma vez uma mata que se achava mais bonita
que todas as outras do mundo. Um dia ela chegou
uma mata que bruchava tanto que
terceiros que eles liga os lugares
abriu os caminhos e a outra mata
feliz com impressa e ela dese
que ela se lembrava mas lembra
que a outra fez assim com ela uma
mata com a mata mas amiga
ate que a outra fez com tanta
com a e espalou de Rorla Fm

Shugu
des liga
impreza
com tanta

SÃO DOMINGOS

- Jantar juntos?
- É.
- Não quero dar trabalho.
- Trabalho nenhum.
- Vai sujar a sua cozinha.
- Nada. Num instante eu limpa tudo e põe os restos fora.
- No seu lixo ou no meu?

Escreva um pequeno diálogo dando continuidade deste encontro entre o senhor do 612 e a senhora do 610.

- Tanto faz. Quê quer um serve.
- Ta legal marxande agente se re. Tchau.
- Tchau! Até a ora do jantar.

*marxande
agente*

Os dois se retiram e vão para os seus quartos. E chega a hora do jantar.

- Pode entrar!
- Hum! Que cheiro ótimo.
- Obrigada.
- Hum! O camarão estava ótimo.
- Obrigada.
- Tchau!
- Não precisa ir agora.

Os dois pensaram muito tempo conversando. Os dois se apaixonaram, se casaram e agora estão juntos e se amando. E pensam se não fosse o lixo não teriam se conhecido.

FIM!

- Jantar juntos?

- É.

- Não quero dar trabalho.

- Trabalho nenhum.

- Vai sujar a sua cozinha?

- Nada. Num instante se limpa tudo e põe os restos fora.

- No seu lixo ou no meu?

Escreva um pequeno diálogo dando continuidade deste encontro entre o senhor do 612 e a senhora do 610.

- Você quer comer comigo

- Eu aceito

- Nos vamos ter lua de mel

- No antei

- Não

lua de mel

- Escreva um pequeno diálogo dando continuidade deste encontro entre o pai do M12 e a senhora do 610.

E contar tudo do início.

some farab

Conheço

Sim! Sim! Sim! Sim! Sim!

O gato e o Calhorro

Era uma vez ^{um} ^{gato} um gato estava sendo maltratado pelo seu dono. Um dia ele estava andando pela rua e encontrou um Calhorro. O Calhorro também falava como o gato, e ele falou que estava sendo maltratado e o Calhorro queria ajuda - os mas ele não podia.

Então o Calhorro seguiu o gato até a sua casa e viu onde o animal ^{estava} morava. Então o Calhorro entrou na casa do animal e ele viu o dono e disse:

- Meu Negro preto porquê você bate no meu amigo?
e mordeu o Homem.

moral da história: mesmo que algum animal esteja sendo maltratado pelo seu dono nunca tenha nenhum ato de raiva mas e não maltrate os animais

Gabriel Santos Lima
6^o ~~10~~ ¹¹ ~~12~~ ¹³ Então
Homem